

REPORTAGEM ESPECIAL

Indústrias se aproximam dos produtores, vendem drones e treinam futuros profissionais

Thiago Copetti, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

O avanço tecnológico das máquinas agrícolas nas últimas décadas transformou profundamente o trabalho no campo. Sistemas de agricultura de precisão, sensores embarcados, plataformas digitais, conectividade e drones passaram a integrar a rotina da produção rural. No entanto, essa evolução acelerada trouxe um desafio que hoje mobiliza fabricantes, entidades de qualificação profissional e instituições de ensino: reduzir a distância entre a tecnologia disponível nas máquinas e a capacidade de produtores e operadores de utilizá-la plenamente.

É fato que a incorporação de novas tecnologias avançou mais rápido do que a formação de profissionais preparados para operá-las. A resposta mais recente do setor tem sido ampliar programas de capacitação e criar estruturas permanentes de treinamento voltadas a produtores, operadores de máquinas e técnicos que atuam no agronegócio.

Na avaliação de Gabriel Vieira, gerente de Treinamentos da CNH para a América Latina, responsá-



CNH/DIVULGAÇÃO/JC

Sistemas como agricultura de precisão, drones, sensores e plataformas digitais são rotina nas propriedades

vel pelas marcas Case IH e New Holland, a tecnologia embarcada nas máquinas foi concebida justamente para aumentar a precisão das operações e reduzir perdas no campo, o que depende de os usuários consigam explorar todo esse potencial.

“O conhecimento da tecnologia pode ser um fator limitante, então o produtor vai escolher por aquilo que ele se sente confortável ou que ele entende que as marcas vão apoiá-lo nesse pro-

cesso de formação”, avalia Vieira.

Para enfrentar essa lacuna, a empresa passou a investir em diferentes frentes de formação. Uma delas é a CNH Academy, plataforma digital que reúne mais de 200 treinamentos voltados ao uso de máquinas, agricultura digital e agricultura de precisão. Os cursos são destinados tanto a produtores quanto a profissionais ligados às redes de concessionárias e manutenção.

“Há uma visão divergente de

quanto mais tecnologia, mais difícil vai ficar para o operador realizar o seu trabalho, mas na verdade é realmente o contrário”, assegura o executivo.

Com foco nessa qualificação dos operadores, além da formação online, a companhia também ampliou a oferta de treinamentos presenciais. Hoje existem centros de capacitação vinculados às fábricas da empresa em Curitiba, Sorocaba e Piracicaba, além de programas realizados direta-

mente nas propriedades rurais.

A estratégia também inclui parcerias com instituições de ensino técnico e profissional. Entre elas estão escolas agrícolas, faculdades e entidades como Senai e Senar, que atuam na formação de trabalhadores do meio rural. Uma das iniciativas mais recentes nesse sentido é a parceria com o Senar-RS na criação do Centro de Formação Profissional Rural de Hulha Negra.

A iniciativa faz parte de um movimento mais amplo de qualificação profissional no agronegócio, que busca responder à crescente demanda por mão de obra especializada para operar equipamentos cada vez mais sofisticados. Hoje, além dos operadores de máquinas, surgem profissionais responsáveis pelo monitoramento remoto dos equipamentos, análise de dados agrônômicos, manutenção de sistemas digitais e gestão de conectividade das máquinas no campo.

“A tecnologia agrega soluções de plantio, de colheita ou de pulverização, que se paga em uma, duas safras, só pelo aumento de performance da safra colhida”, ressalta o executivo.

Entre inovação e simplicidade: a estratégia da Mahindra para crescer

Enquanto boa parte da indústria de máquinas agrícolas aposta em sistemas cada vez mais complexos e altamente digitalizados, algumas fabricantes vêm construindo espaço no mercado com uma estratégia diferente.

A estratégia da indiana Mahindra no segmento de máquinas agrícolas, por exemplo, parte de um princípio bastante claro e, de certa forma, na contramão de grandes concorrentes: oferecer tecnologia na medida certa, priorizando soluções que entreguem resultado prático no campo, sem complexidades que a companhia — após estudos, testes e avaliações dos produtores — considera desnecessárias.

Nos projetos, têm menos peso a eletrônica embarcada e a automação avançada, enquanto sistemas mecânicos consolidados e de fácil operação tendem a ser mais bem aceitos e utilizados pelos agricultores. Isso não significa abrir mão de desempenho — os tratores mantêm potência, capacidade hidráulica e versati-

lidade compatíveis com padrões modernos. “As transmissões automáticas, se não forem bem utilizadas, sem conhecimento bem apurado do funcionamento desses sistemas, muitas vezes têm desempenho que é fantástico dentro de um projeto, dentro de um laboratório, dentro de um teste de campo, mas fora da fábrica não aparece”, opina Josué Beutler, doutor em Ciência do Solo com ênfase em Mecanização Agrícola e especialista em pós-vendas da Mahindra Brasil.

A Mahindra, com fábrica em Dois Irmãos (RS), identifica nesse ponto uma oportunidade: oferecer tratores com operação mais direta, em que o controle mecânico permite maior previsibilidade e adaptação imediata. Outro diferencial importante na decisão de compra, segundo Beutler, está no custo de manutenção. O executivo pondera, no entanto, que a empresa não se posiciona necessariamente pelo menor preço de aquisição, mas pelo menor custo ao longo da vida útil do



MAHINDRA/DIVULGAÇÃO/JC

Foco da marca indiana é oferecer tecnologia na medida certa para cada usuário

equipamento — o que, em cenários de uso intensivo e revisões frequentes, torna essa diferença ainda mais relevante para o produtor. “Todas as marcas precisam ter uma manutenção, precisam fazer revisões periódicas as nos-

sas, comparando com um trator de altíssima tecnologia, não custa 50% do valor dessa manutenção para alta tecnologia”, acrescenta.

A eficiência energética também é tratada pela companhia

a partir da engenharia básica do produto. Sem depender de controles eletrônicos sofisticados, a proposta é oferecer tratores que privilegiam força de tração — essencial no campo — sem sacrificar o consumo de combustível.